

A GUERRA DOS TRINTA ANOS E GUSTAVO ADOLFO

*“Há uma perfeita harmonia entre ele e seus súditos; um mesmo espírito e um mesmo sentimento. Seu exército, composto de suecos, livonianos, finlandeses, lapônios e de soldados de outras nacionalidades, é dos mais disciplinados e aguerridos que já apareceram, e esses povos, de costumes e línguas tão diferentes, são impulsionados todos pela mesma mola: a confiança na capacidade do rei e amor e respeito que ele soube inspirar por suas virtudes. Eis então um contendor a quem não se pode menosprezar e de quem, se nada é possível ganhar, é preciso pelo menos, cuidar de nada perder”.*¹⁴

Conde de Tilly, acerca de Gustavo Adolfo

No século XVI, na Europa, havia monarcas que governavam seus domínios com amplos poderes, como os reis da França e da Espanha. Outros tinham seu poder restringido pela nobreza, como o imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

O Sacro Império era constituído por centenas de territórios (principados, ducados, condados, entre outros) governados por nobres (“príncipes”), que tinham diferentes graus de autonomia em relação ao imperador. Este era eleito por uma Dieta Imperial (Reichstag), constituída por nobres proeminentes, denominados “eleitores”. Os conflitos entre monarcas e nobres insubmissos eram frequentes, pois aqueles procuravam centralizar o poder, enquanto estes buscavam maior liberdade.

A Reforma Religiosa, iniciada por Lutero em 1517, acirrou as desavenças no Sacro Império, pois muitos “príncipes”, sem a anuência do então imperador Carlos V, adotaram o protestantismo como religião a ser seguida em seus domínios. O imperador, católico fervoroso, decidiu restaurar a unidade católica, mas fracassou, sendo obrigado a aceitar, pela Paz de Augsburg, que os “príncipes” escolhessem a crença a ser professada pelos seus súditos.

Com o passar do tempo, os “príncipes” do Sacro Império, de acordo com suas convicções religiosas, formaram dois blocos antagônicos: a União Evangélica Protestante, que se opunha aos imperadores; e a Liga Católica, que os apoiava.

A frágil Paz de Augsburg se estendeu até 1618, quando o imperador Matias expediu um decreto que acabava com a tolerância religiosa no Sacro Império. Em virtude disso, os “príncipes” protestantes da Boêmia se rebelaram, escolhendo Frederico V,

¹⁴ apud SANTOS, 1998, p. 115.

EUROPA OCIDENTAL E CENTRAL NO INÍCIO DO SÉCULO XVII



do Palatinato, para ser seu rei. A rebelião protestante na Boêmia foi o estopim para um longo e sangrento conflito conhecido como “Guerra dos Trinta Anos”, do qual diversos países europeus, por diferentes motivos, se envolveriam.

As operações militares começaram a ganhar vulto em 1619, quando Fernando II, católico entusiasta, da Casa dos Habsburgos, sucedeu a Matias. O novo imperador estabeleceu como principais objetivos fortalecer seu poder e acabar de vez com o protestantismo no Sacro Império. Com o apoio da Liga Católica e da Espanha (governada pelo rei católico Filipe III, também da dinastia Habsburgo), derrotou os rebeldes da Boêmia e destronou Frederico V. Encorajado por esses sucessos, ocupou também o Palatinato, região estratégica localizada no centro da Europa.

O fortalecimento do poder do imperador em detrimento dos “príncipes” protestantes abalou o frágil equilíbrio de forças europeu, fazendo com que diversos monarcas se dispusessem a tomar parte no conflito.

Em 1625, o rei Cristiano IV, da Dinamarca, que almejava tornar seu reino hegemônico no mar Báltico e conquistar territórios do Sacro Império, interveio em apoio aos protestantes. Suas tropas mal preparadas acabaram derrotadas por forças hispano-imperiais comandadas pelos condes Albrecht Wallenstein e Johann T’Serklaes von Tilly.

A nova vitória fortaleceu ainda mais Fernando II, que forçou os “príncipes” protestantes a assinar o Édito de Restituição, pelo qual estes deveriam devolver as terras que haviam sido confiscadas da Igreja Católica durante a Reforma Religiosa. Esta medida açulou ainda mais o ódio dos protestantes contra o imperador.

Após a vitória sobre os dinamarqueses, as forças de Wallenstein deram prosseguimento às suas operações, desencadeando uma série de ataques a portos localizados no mar Báltico. Estes ataques descontentaram Gustavo Adolfo, soberano protestante da Suécia, que também tencionava controlar o Báltico.

Gustavo Adolfo contava com um dos melhores exércitos da Europa, organizado e adestrado de forma semelhante às tropas holandesas quando comandadas por Nassau.¹⁵ O soberano sueco, no entanto, introduziu inovações para proporcionar às suas tropas maior mobilidade e poder de fogo.

O Exército Sueco era organizado em brigadas compostas por regimentos de infantaria, cavalaria e artilharia. Na infantaria, os mosqueteiros suplantavam os piqueiros na proporção de dois para um, visando-se a um maior volume de fogo. Na cavalaria, existiam unidades de couraceiros (cavalarianos pesados, equipados com couraças, apropriados para ações de choque) e de dragões (soldados que combatiam a pé ou a cavalo, empregados para reconhecimentos e perseguições). Na artilharia, os regimentos foram divididos em baterias de acordo com o calibre do canhão (de sítio ou de campanha).

A grande disponibilidade de minério de ferro na Suécia, usinado por meio de técnicas modernas, permitiu a Gustavo Adolfo dotar, de forma padronizada, seu exército com os melhores armamentos da época. Os atiradores da infantaria foram equipados com mosquetes potentes e leves (sem forquilha para o apoio), superiores aos dos demais exércitos; os cavalarianos foram providos de sabres e pistolas; e os artilheiros passaram a fazer uso de canhões leves, de pequeno calibre, puxados por um cavalo ou por três homens, que podiam ser deslocados facilmente nos campos de batalha em apoio à infantaria e à cavalaria.

Os soldados que compunham as guarnições das peças de pequeno calibre eram capazes de realizar um tiro a cada três minutos, uma alta performance naquele tempo. Os artilheiros também empregavam a metralha: diversas esferas metálicas de pequeno tamanho eram colocadas em um pequeno canhão; quando disparadas se espalhavam, atingindo as densas formações inimigas.

O MERCANTILISMO

Os Estados Europeus, durante a Idade Moderna, adotaram uma política econômica denominada Mercantilismo. A riqueza de um país era medida pela quantidade de metais preciosos, principalmente ouro e prata, que possuísse em seu tesouro. As práticas variaram de um Estado para outro, mas, de modo geral, procurava-se incentivar o desenvolvimento das marinhas mercantes, estimular a produção manufatureira e agrícola, estabelecer monopólios coloniais e obter uma balança comercial favorável. Os espanhóis deram ênfase à obtenção de ouro e prata, abundantes em suas colônias americanas; os franceses e, principalmente os ingleses, buscaram desenvolver o comércio e a indústria.

¹⁵ O Exército Holandês sob Nassau é detalhado no Capítulo 11.

Gustavo Adolfo criou um primitivo cartucho. Tratava-se de um invólucro de papel no qual eram colocados o projétil e a pólvora necessária para o tiro. Quando o atirador ia preparar seu armamento para o tiro, ele simplesmente rasgava o cartucho e colocava o conteúdo deste no armamento, não precisando mais apanhar a pólvora e o projétil em recipientes separados. Com isso, o atirador ganhava tempo, conseguindo realizar disparos mais rapidamente.

O rei sueco não tinha recursos para contratar um grande número de mercenários, por isso recrutou muitos de seus súditos para constituírem o exército, que, em virtude disso, ganhou coesão e se tornou permanente.

Os soldados eram submetidos a uma rígida disciplina e a um rigoroso treinamento, no qual exercitavam movimentos individuais (manejo do armamento) e coletivos (salvas de tiros e ordem unida). Havia também exercícios nos quais as unidades conjuntamente praticavam as manobras que executariam nos campos de batalha. Os combatentes suecos eram encorajados a lutar por valores espirituais (defesa da religião protestante) e materiais (pagamentos e concessões de terras).

Em 1630, Gustavo Adolfo interveio na guerra com vistas a expandir territorialmente seu reino e, ao mesmo, tempo, auxiliar os protestantes. Logo após desembarcar em território do Sacro Império, conquistou fortalezas e cidades localizadas próximas ao litoral do mar Báltico. Em seguida, em 1631, venceu os imperiais na batalha de Breitenfeld e ocupou Praga e Munique. Em 1632, no entanto, foi morto quando liderava uma carga de cavalaria na Batalha de Lutzen, vencida por suas tropas.

Em sua rápida campanha, Gustavo Adolfo, fugindo do que era comum na época, realizou movimentos rápidos buscando levar seus inimigos a batalhas campais, embora por vezes fosse obrigado a realizar sítios. Também realizou operações durante o inverno, quando normalmente as tropas se recolhiam aos quartéis. Procurou estabelecer linhas de suprimento, ainda que, por vezes, tenha recorrido à requisição dos recursos da região onde combatia.

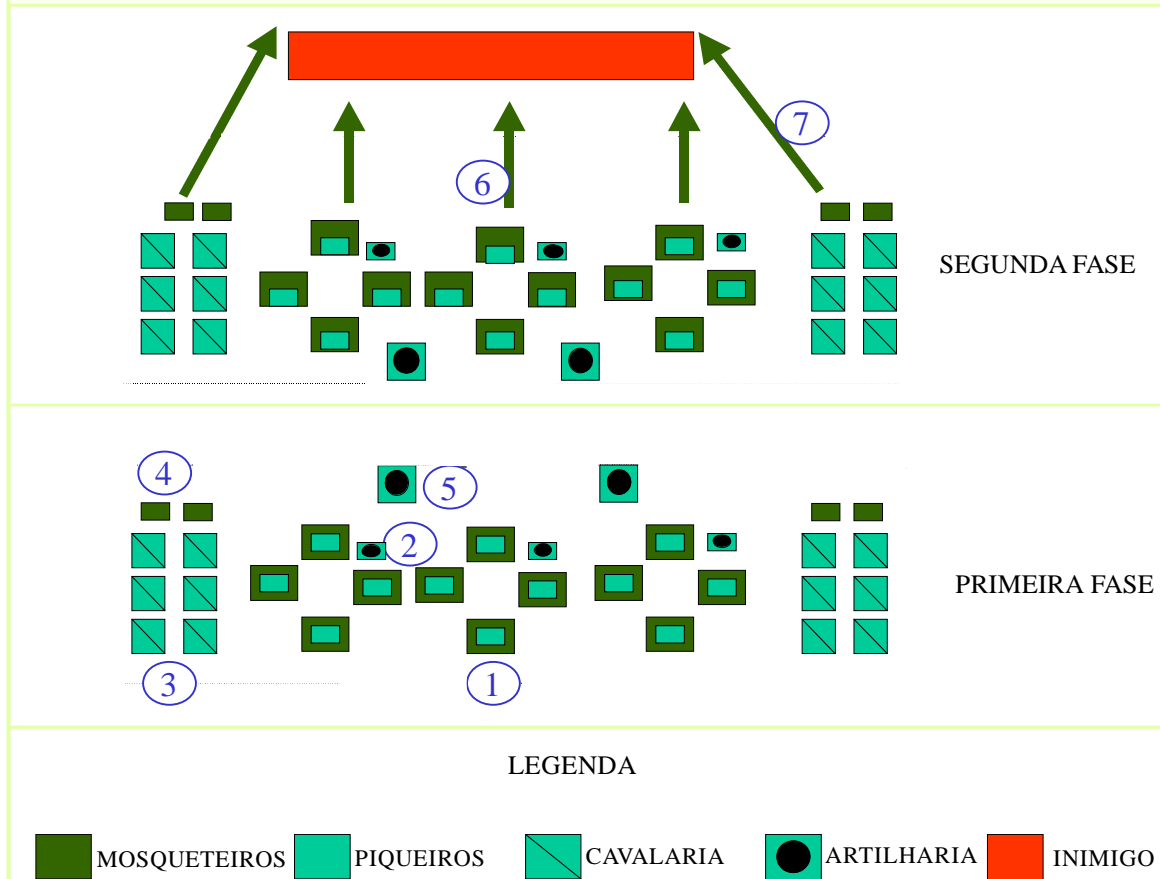
INVASÕES HOLANDESAS AO BRASIL

Após as grandes navegações do final do século XV e início do XVI, diversos Estados europeus estabeleceram colônias em outros continentes. Devido a isso, os conflitos militares entre países europeus se espalharam por todo o mundo.

Durante a Guerra dos Trinta Anos, o Brasil estava sob domínio espanhol. Os holandeses, em virtude de estarem em guerra contra os espanhóis, resolveram invadir o nordeste brasileiro, onde havia uma próspera produção açucareira.

Em 1624, soldados holandeses atacaram a Bahia, de onde foram expulsos no ano seguinte. Mais tarde, em 1630, tropas holandesas invadiram com êxito Pernambuco, onde se estabeleceram. O combate ao invasor, por parte principalmente de brasileiros, intensificou-se a partir de 1635. Após serem derrotados em duas batalhas decisivas nos montes Guararapes, em 1648 e 1649, as forças da Holanda ficaram sitiadas em Recife, onde capitularam em 1654.

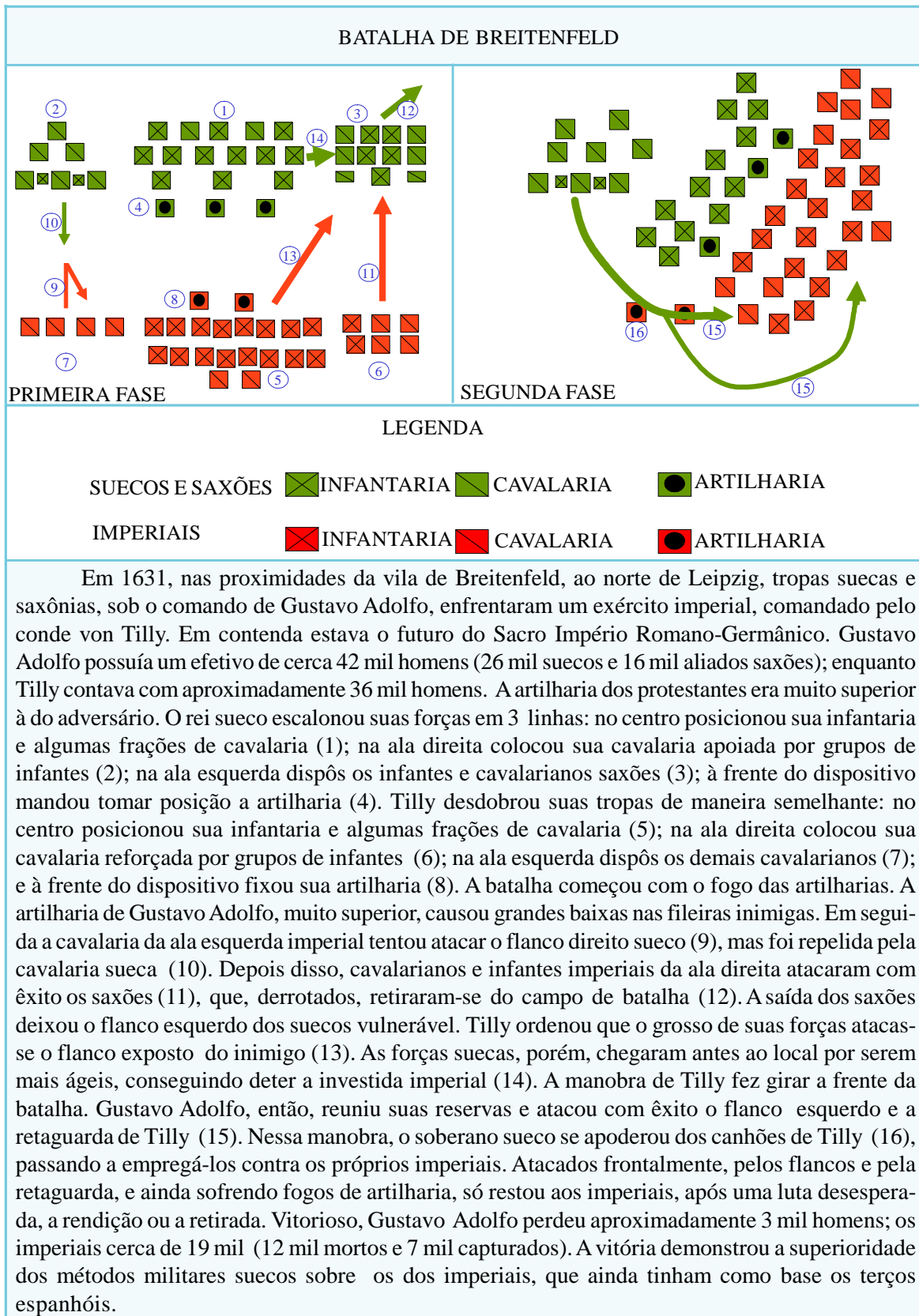
FORMA DE EMPREGO USUAL DO EXÉRCITO DE GUSTAVO ADOLFO



Nos momentos que antecediam o combate, as unidades do exército eram dispostas em três linhas. Os batalhões de infantaria (1) eram posicionados no centro do dispositivo e guardavam entre si intervalos suficientes para a realização de conversões. Artilheiros com canhões leves se colocavam junto à infantaria para apoiá-la (2). A cavalaria (3), apoiada por grupos de infantes (4), posicionava-se nas alas. A artilharia ficava à frente do dispositivo (5).

A batalha era iniciada pela artilharia, que lançava seus fogos sobre as formações inimigas. Em seguida, a infantaria atacava, cabendo aos mosqueteiros, que se posicionavam à frente dos piqueiros, decidir o combate com seu poder de fogo (6). Os piqueiros deveriam proteger os mosqueteiros das cargas da cavalaria e dos piqueiros inimigos, e, ao mesmo tempo, ficar em condições de executar ações ofensivas que necessitassem de seu poder de choque. A cavalaria atacava com seu poder de choque e fogo os flancos da formação adversária (7).

Gustavo Adolfo procurou combinar as ações da infantaria, cavalaria e artilharia durante o combate.



Em 1635, em face dos fracassos suecos em Steinau e Nördlingen, a França, uma nação católica, sentindo-se ameaçada pelo fortalecimento dos monarcas Habsburgos, cujas possessões rodeavam seu território, entrou no conflito ao lado dos protestantes. Os franceses desencadearam ofensivas com êxito no Sacro Império, nos Países Baixos Espanhóis (atual Bélgica), no noroeste da Itália e na fronteira espanhola.

Pressionado por franceses e suecos, o imperador Fernando III, que sucedeu Fernando II, revogou, em 1641, o Édito de Restituição. Paralelamente, a Espanha, fiel aliada dos imperadores do Sacro Império, passou a enfrentar revoltas internas na Catalunha, no Reino de Nápoles e em Portugal, que recuperou sua independência em 1640, após sessenta anos sob jugo espanhol.

Em 1643, os franceses, comandados por Luís II, príncipe de Condé, venceram os espanhóis em Rocroi e sitiaram Viena, capital da Áustria. Todavia, uma guerra entre a Suécia e a Dinamarca pelo controle do mar Báltico (1643-45) aliviou um pouco a situação do imperador Fernando III, propiciando uma trégua que resultou em conferências de paz.

Em 1648, o Tratado de Westfália pôs fim à Guerra dos Trinta Anos, da qual também tomaram parte, desempenhando papéis secundários, a Holanda, o Papado, a Polônia e a Inglaterra. Pelo acordo, que atendia claramente aos interesses dos protestantes e franceses, ficou assegurada a liberdade religiosa nos Estados do Sacro Império; a Espanha reconheceu a independência da Holanda; a França conseguiu anexar a Alsácia e

GUSTAVO ADOLFO APÓS A BATALHA DE BREITENFELD



outros territórios dos Habsburgos, a Suécia recebeu as terras que desejava no litoral do mar Báltico; e os confiscos de terras da Igreja Católica realizados pelos príncipes protestantes foram confirmados.

Em Westfália foram lançadas as bases do sistema político e jurídico contemporâneo, pois os Estados, pela primeira vez, claramente como atores internacionais principais, chegaram a um acordo levando em conta as “razões de estado” em prejuízo de valores morais ou religiosos.

O Sacro Império continuou dividido e saiu devastado da guerra. Durante o conflito foi ocupado por diversos exércitos, a maioria formado por mercenários que viviam da pilhagem. Um exército de cerca de vinte mil homens, por exemplo, rapidamente exauria os recursos do local onde estacionava, já que era acompanhado por cerca de outras trinta mil pessoas (mulheres, crianças, vagabundos, comerciantes, entre outros) e milhares de cavalos. Como as campanhas eram frequentes, determinadas regiões não conseguiam recuperar suas economias, o que significava falta de alimentos para seus habitantes.

O soldo dos mercenários era pequeno e irregularmente pago, sendo frequentes as deserções, desordens e violências. Os camponeses, aterrorizados e famintos, tinham de optar entre combater as hordas, se juntar a elas ou esconder-se nas florestas. No final da guerra, a população do Sacro Império se reduzia a dois terços do que somava antes do conflito.

A grande vencedora da guerra foi a França, que, respaldada por um poderoso exército, passou a ser a nação hegemônica no continente europeu.